

DE EDUARDO LACERDA

Consolação, inverno: 15h20

– A voz é uma vontade
do corpo (assim como
o sexo, como a fome) –

E não, nenhum homem
não dirá – à saída do
metrô: não tenho nome.

Haverá algo: entrada,
mas ainda saída (via
dupla de grito ou eco

CONDICIONADOR

Agora

que meus cabelos

cresceram

(e parecem femininos)

tenho menos

medo

que pareça

desespero

minhas duas mãos cravadas

no centro

de minha

cabeça:

agora que meus cabelos cresceram

(e constantemente cobrem meus olhos)

penso

que parece o tempo

o tempo todo

que estou negando

algo

(assim, quando os balanço,

para o

lado).

Mas também

que afirmo

(como um cisco

para um alimento)

quando

insisto

(reticente) em

ir com eles

para trás e

para frente.

E,

embora,

agora que meus cabelos

cresceram

e esses gestos

(e minhas mãos ali no centro)

não

pareçam

desesperos

(muitos

pensam até

que parece

um carinho).

Carinho, carinho, carinho, carinho

ninho:

de coceiras

de palavra que se vai
engolindo). Algo ainda
: uma fala clara, pedido.

/ Sambando sobre
(sob) o lixo,
que música ouvirá
em seu fone

(o mendigo)?

Aprenderemos

que o grito
é toda a indiferença

que se aprende

a tocar o

outro

de ouvido? /

Abismo

(para Karine)

Sua dança, brilho:

um passo

em

falso *(tão sincero,*

nenhum erro)

entre a queda

e

o

equilíbrio

- contínuo -

(Eu não danço, eu só vejo)

Sua dança,

um arrepio,

não,

um atropelo.

(Poemas do livro “*Se não há corpo, não há crime*” – inédito)

A Última Ceia

Há regras à mesa
como em um brinquedo
de quebra-cabeça.

/ E eu não entendo
os dispostos à esquerda

dos pais.

Restos do pequeno
que sentavam ao meio

da mesa (como prato
que se enche
e procura lugar entre
as pessoas). /

Já não me encaixo
depois que aprendi
a olhar de lado
e sair por baixo.

Aceno

Como
um equipamento
que

funciona, mas
apresenta

defeito,

em
algum momento

escolhi como gesto

algo entre
a dúvida
e o excesso.

/ se me dou meio abraço,

(pois é isso o que faço:
passo meu braço direito
pelo meu peito

e toco meu ombro
esquerdo.)

o meu reflexo,
quando me toco,
e me chamo

é olhar para o outro lado. /

E se me ignoro, quando me chamo,

(quando toco meu ombro)

como a um aparelho
para que
pegue

no tranco,

eu me soco

para que aceite

o meu afago.

Não funciona.

Dar de ombros é

o meu aceno.

(Poemas do livro “*Outro dia de folia*” (Patuá, 2012))

EDUARDO LACERDA (SÃO PAULO/RIO GRANDE DO SUL) – Poeta e editor. Autor do livro de poemas *Outro dia de folia* (Patuá, 2012). Coeditou a Revista *Metamorfose* e *O Casulo – Jornal de Literatura Contemporânea*. Atualmente, é editor da Editora Patuá. Tem poemas publicados em revistas eletrônicas e impressas como *Entrelivros*, *Mirante*, *Ventos do Sul*, *Cronópios*, *Germina* e em algumas antologias, como a *Antologia Vacamarela* e *El Vértigo de los Aires* (México). *Outro dia de folia* foi premiado pelo ProAC 2011 - Programa de Ação Cultural do Governo do Estado de São Paulo. Atualmente está escrevendo *Se não há corpo, não há crime*, seu segundo livro de poemas.